International Congress of History
Congreso Internacional de Historia
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

Entre a função diplomática e a autonomia intelectual: Alfonso Reyes e seu latino-americanismo no Brasil (1930-1936)

Natally Vieira Dias (UEM – CRV)

Este texto analisa a atuação intelectual do escritor mexicano Alfonso Reyes durante o período em que ocupou o cargo de embaixador de seu país no Brasil, entre 1930 e 1936. Nossa proposta é demonstrar, a partir do estudo desse "período brasileiro", a relação bastante específica que o escritor-diplomata estabeleceu com o Estado mexicano pós-revolucionário. Ao ocupar o cargo de embaixador, Reyes esteve diretamente vinculado à política de projeção do México e de sua revolução no continente; no entanto, mesmo à frente do posto oficial conseguiu manter uma posição até certo ponto autônoma em relação às diretrizes oficiais mexicanas, sem se alinhar exatamente como um "intelectual da revolução".

Em um estudo sobre a relação entre os intelectuais e o poder no México no período posterior à Revolução de 1910, o historiador mexicano Javier Garciadiego (2010) contrapõe duas posturas predominantes no interior da intelectualidade que se identificou com o processo revolucionário. De um lado, aponta a posição dos ateneístas – aqueles que no período anterior à Revolução haviam desenvolvido no chamado Ateneu da Juventude um espaço de discussão filosófica alheio e contrário ao cientificismo predominante na ditadura porfirista –; de outro, identifica ao "intelectuais da Revolução". Nessa perspectiva, enquanto os primeiros tiveram uma identificação "parcial e limitada" com a Revolução, dedicando-se "principalmente a atividades acadêmicas e culturais"; os segundos "atuaram nos âmbitos políticos." (GARCIADIEGO, 2010, p. 33-4).

Seguindo a tipologia proposta por Garciadiego, poderíamos facilmente identificar Alfonso Reyes como um "intelectual ateneísta", juntamente com o filósofo José Vasconcelos e o escritor Martín Luis Guzmán, entre outros que participaram do Ateneu da Juventude e que, após a Revolução, apoiaram ao menos parcialmente o Estado pós-revolucionário. Mas diferentemente de outros ateneístas, a vinculação de Reyes com o Estado mexicano não foi assim tão parcial ou limitada. Ao contrário,

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

por exemplo, de Vaconcelos e Guzmán, que já nos anos 20 romperam com a Revolução e tomaram o caminho da crítica ostensiva ao novo Estado mexicano, Reyes manteve seu alinhamento aos governos pós-revolucionários e seguiu atuando como seu representante oficial no exterior. Essa postura lhe custou, inclusive, severas críticas e até mesmo o afastamento de antigos colegas, conforme destaca o próprio Garciadiego em um outro artigo, referente à atuação diplomática de Reyes. (GARCIADIEGO, 1998, p. 210).

Mas se, ao manter-se alinhado ao Estado pós-revolucionário, Reyes afastou-se da tendência geral do ateneístas, tampouco sua vinculação ao poder pode ser encarada como uma adesão sem reservas aos ditames oficiais, principalmente no que diz respeito à ideologia nacionalista que acompanhou o desenvolvimento do novo Estado mexicano. Ao contrário dos "intelectuais da Revolução" que, como aponta Garciadiego (2010, p. 35), elegeram como temas centrais "o nacionalismo defensivo" e "a simpatia com o indigenismo", Alfono Reyes tomou uma posição oposta e, sem romper com os princípios políticos e sociais da revolução, empreendeu de dentro do próprio Estado uma crítica contundente às suas tendências cada vez mais nacionalistas.

Inversamente ao particularismo nacional e à ênfase latino-americanista de filiação indo-americana, sustentados pelo Estado mexicano pós-revolucionário, Reyes defendia uma identificação latino-americana aberta ao universal e voltada para uma perspectiva humanista. A consolidação desta identidade continental foi objeto de sua militância como escritor, intelectual e diplomata. No período em que esteve à frente da Embaixada mexicana no Brasil, Reyes empreendeu uma série de esforços para propagar entre a intelectualidade brasileira o seu próprio ideal latino-americanista, contrariando, em grande medida, a tendência oficial de radicalização dos postulados nacionalistas e indigenistas do Estado mexicano durante a década de 1930.

Desde a ascensão do grupo constitucionalista liderado por Carranza, ainda durante a fase armada da Revolução, a política externa mexicana foi construída no sentido de promover a solidariedade continental para com o país e seu processo revolucionário, tendo em vista o espectro sempre presente do perigoso vizinho do

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

norte. Na perspectiva mexicana, a base dessa solidariedade tinha um fundo cultural que se encontrava na suposta identidade latino-americana, a qual seria o elo de união entre o país hispânico da América do Norte e as demais nações "latinas" do continente. Como bem sinalizou o historiador argentino Pablo Yankelevich (1997, p. 87; 373) ao analisar a propaganda continental do México revolucionário, a defesa da unidade cultural latino-americana teve um sentido estratégico de "caráter defensivo" e deve ser compreendida como parte de uma ampla política direcionada à construção de uma "retaguarda internacional" para a Revolução Mexicana.

Se, num primeiro momento, a "latinidade" preconizada pela política oficial mexicana esteve afinada à matriz arielista – estando identificada a uma suposta herança da civilização latina, portanto europeia, e oposta ao mundo aonglo-saxão –, no início dos anos 30 já era perceptível um deslocamento dessa identidade para um sentido mais claramente indo-americano.

Em toda a América Hispânica a década de 20 foi marcada por um significativo debate intelectual em torno da definição de uma identidade cultural para o continente. A historiadora argentina Patricia Funes (2006) resgatou de forma detalhada esse debate que envolveu, inclusive, uma intensa discussão a respeito do nome que deveria ser empregado a esta região (latina, ibero ou indo) americana. Com o desenrolar do debate é possível observar, em linhas gerais, um afastamento da noção arielista. Essa matriz interpretativa, que era predominante desde o início do século, já para fins dos anos 20 cede lugar à reivindicação de uma identidade americana "nativa", por vezes carregada de noções de mestiçagem cultural, mas sempre entendida como algo particular desta região da América.

O contexto latino-americano, não se pode esquecer, encontrava-se marcado pela resistência anti-imperialista às intervenções estadunidenses que desafiavam soberanias nacionais no continente, mas também pela crítica à Europa do pós-Primeira Guerra. Nesse quadro de um diagnóstico compartilhado de uma "crise do Ocidente" e uma expectativa não menos compartida de que então se vivia uma "hora americana", a expressão "indo-américa" emergiu, não necessariamente ligada à presença característica das populações indígenas na região, mas principalmente como elemento de autoafirmação cultural de "nossa América" frente aos Estados Unidos e também à Europa.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

No caso do México revolucionário, essa tendência de afirmação cultural se expressou de forma marcante no fortalecimento do nacionalismo em sua faceta indigenista. Essa nova tendência acarretou uma grande transformação educativa, quando o "paradigma de Vasconcelos", de uma educação pautada em noções idealistas e voltada para o desenvolvimento artístico e da sensibilidade, foi substituído por uma visão mais prática da educação, que passou a priorizar o ensino técnico como meio de superar os problemas econômicos e operar a integração social dos indígenas. O grande articulador dessa nova tendência foi Moisés Sáenz, um dos maiores expoentes do "indigenismo da Revolução Mexicana", quem transformou a antiga Direção de Antropologia, vinculada à Secretaria de Educação Pública, no Departamento de Escolas Rurais e Incorporação Indígena, apontando claramente para o sentido pragmático que a educação pública deveria assumir. (KOURÍ, 2010, p. 429).

Nesse novo contexto, o viés latino-americanista do México revolucionário assumiu mais claramente um contorno indigenista, fortemente nacionalista e inclinado a fazer da experiência mexicana um modelo para outras nações do continente, especialmente no que se referia à questão indígena. Emblemática dessa nova postura oficial mexicana foi a atuação de Moisés Sáenz nos Andes durante os anos 30. No início da década desenvolveu trabalhos antropológicos sobre os indígenas peruanos e equatorianos sob a perspectiva muito mexicana de sua "incorporação nacional". Posteriormente, como representante diplomático do México no Peru, manteve proximidade com militantes apristas e outros setores de tendências indigenistas no país andino. (MELGAR, p. 2003, p. 77-8).

Sob essa perspectiva continental do indigenismo, Sáenz organizou o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, realizado no México em 1940. Um dos principais encaminhamentos desse congresso foi a criação, no ano seguinte, do Instituto Indigenista Interamericano, do qual o próprio Sáenz tornou-se diretor. Essa nomeação pode ser entendida como a coroação institucional de todo um projeto empreendido, ao longo da década de 30, no sentido de consolidar a presença mexicana no continente a partir do paradigma indigenista, esboçado como aprofundamento das demandas sociais da revolução.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

Nesse mesmo período, anos 30, Alfonso Reyes também desenvolveu uma ampla atuação de cunho latino-americanista aqui no Brasil, quando esteve à frente da Embaixada mexicana no Rio de Janeiro.

A noção de uma identidade latino-americana foi objeto de constante reflexão por parte de Reyes e sua atuação, como escritor e diplomata, esteve claramente direcionada no sentido de fomentar a aproximação cultural entre os países do continente. Recentemente vários trabalhos historiográficos têm sido realizados sobre a atuação intelectual do escritor-diplomata mexicano no sentido de construir "vasos comunicantes" – como ele gostava de chamar –, entre a intelectualidade continental. Em um artigo a respeito, o historiador argentino Jorge Myers (2010, p. 95) chama a atenção exatamente para a importância central que as Embaixadas mexicanas sob a direção de Reyes – na Argentina (1927-30) e no Brasil (1930-36) – cumpriram para fomentar a intercomunicação da "comunidade intelectual" do continente. Por sua parte, o trabalho do historiador colombiano Aimer Granados (2012, p. 85-6) destaca a importância da publicação do periódico *MONTERREY* por Reyes*,* no período em que foi embaixador no Brasil, como um momento importante para a tessitura de uma significativa "rede transnacional" de escritores, projeto no qual o escritor mexicano manteve-se empenhado por décadas.

Sem dúvida, Alfonso Reyes pode ser considerado como uma das figuras mais representativas do ideário latino-americanista que marcou o continente na primeira metade do século XX. Usamos "representativo", aqui, com o sentido conferido por Edward W. Said (2005, p. 25 e 27) aos intelectuais como "indivíduos[s] dotado[s] de uma vocação para representar", para "dar corpo e articular uma mensagem", para atuar como uma espécie de "porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição".

A respeito do periódico *MONTERREY,* cujo subtítulo era *Correo literario de Alfonso Reyes,* foi um produto cultural idealizado, dirigido e distribuído pessoalmente pelo escritor-diplomata mexicano. Circulou entre 1930 e 1937, sendo publicado em sua quase totalidade no Rio de Janeiro. Além do "correio literário", vários outros canais de sociabilidade intelectual empreendidos por Reyes em terras brasileiras dão mostras de um intenso esforço de aproximação com intelectuais, escritores e artistas, principalmente cariocas.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

Como exemplos desse esforço podemos citar o intercâmbio de correspondências com inúmeras personalidades do meio cultural local – como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Di Cavalcanti e Portinari, entre vários outros –; o pronunciamento de conferências e discursos – tanto em meios oficiais, como a Academia Brasileira de Letras e o Palácio do Itamaraty, quanto em reuniões menos formais com os estudantes universitários, por exemplo; a edição e distribuição de diversos ensaios e discursos seus aos "amigos", como costumava chamar aqueles intelectuais com os quais mantinha contato. Todos esses "vasos comunicantes" estabelecidos por Reyes com a intelectualidade brasileira foram espaços de difusão do seu próprio conceito latino-americanista.

Um dos textos mais importantes para a compreensão da visão de Reyes sobre a identidade cultural continental foi escrito no Rio, em 1930, com o título de "Discurso por Virgilio". Nesse discurso, publicado por ele no ano seguinte e distribuído aos "amigos" cariocas, o escritor-diplomata mexicano retomou a figura do poeta clássico como ponto de partida para embasar sua defesa de um latino-americanismo afastado de todo localismo particularista e inclinado a uma intercomunicação universal.

Reyes apresentou uma visão da América de colonização ibérica como parte da "civilização latina", a qual, em sua concepção, deveria ser compreendida como "um conceito largo e elástico" que excedia ao espaço europeu e ao período histórico da Antiguidade e cujo cerne estaria no caráter de abertura para a "intercomunicação" cultural. Nesse sentido, criticou a perspectiva localista de "hora americana", que preconizava a decadência europeia em contraste com a noção de uma América "florescente sob uma chuva de virtudes", como destacou de forma irônica. (REYES, 2009, p. 111; 122).

Em sua concepção, a defesa da identidade latino-americana não podia equivaler a voltar as costas para a Europa e para as conquistas civilizacionais dela decorrentes. Ao contrário, entendia que a especificidade latino-americana encontrava-se não na defesa de particularidades autóctones, mas precisamente na capacidade de "acolher todas as conquistas [humanas], procurando com todas elas uma elaboração sintética." Tal virtude, afirmava o mexicano, derivava exatamente

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

da “alma latina” que animava a cultura do continente americano. (REYES, 2009: p. 124-5).

Além da edição de seus textos em forma de livretos (como foi o caso do “Discurso por Virgilio”), um dos principais meios que Reyes utilizou para difundir suas ideias sobre a identidade cultural continental foi o periódico *MONTERREY*, o qual era distribuído gratuitamente por Reyes entre os “amigos”. Ao que tudo indica a “militância” latino-americanista do intelectual-diplomata mexicano encontrou certa receptividade entre os brasileiros, como demonstram alguns artigos publicados em meios impressos e correspondências dirigidas diretamente a ele. Dessas “respostas brasileiras”, sem dúvida a que assumiu maior notoriedade foi a de Ribeiro Couto.

Em uma carta a seu colega mexicano, datada de 1931, o escritor brasileiro refletiu detidamente sobre a identidade continental e, a partir dessa reflexão, cunhou a noção de “homem cordial”. Reyes, por sua vez, deu enorme destaque ao texto de Ribeiro Couto ao reproduzir um longo trecho da carta numa edição de seu “correio literário” que, sintomaticamente, trazia na primeira página um artigo intitulado “Virgilio y América”. O trecho foi reproduzido na seção “Epistolario” sob título de “El Hombre Cordial, producto americano”. (MONTERREY, nº 8, março de 1932, p. 3).

O fragmento reproduzido por Reyes começava com a seguinte definição: “O verdadeiro americanismo repele a ideia de um indianismo, de um purismo étnico local, [...] mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico”. O latino-americano seria, portanto, o fruto dessa “fusão” e o traço marcante de seu caráter seria a “cordialidade”, oposta, na visão do escritor brasileiro, à “desconfiança” e ao “egoísmo” que caracterizavam os europeus. Assim definia os latino-americanos: “somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas”. Segundo ele, tratava-se de uma “atitude de disponibilidade sentimental” e um indício de uma “Civilização Cordial” que seria “a contribuição da América Latina ao mundo.” (*Idem*, p. 3).

Como se percebe, a visão de Ribeiro Couto estava bastante afinada à concepção de Reyes sobre a identidade continental. Não por acaso o mexicano fez questão de difundir as reflexões do brasileiro através de seu “correio literário”, ao que podemos atribuir uma intenção de legitimação de sua própria “ideia de América”.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

Esse latino-americanismo de Alfono Reyes caminhava na contramão da proposta oficial mexicana, cuja ênfase era cada vez mais colocada no particularismo cultural da região, a partir de uma conotação marcadamente indigenista e nacionalista. Reyes, como embaixador, representava oficialmente o Estado mexicano no Brasil; mesmo assim, conseguiu desempenhar uma atuação intelectual bastante autônoma e difundir sua própria ideia latino-americanista e inclusive ganhar adeptos entre a intelectualidade brasileira.

Referências bibliográficas

REYES, Alfonso. Discurso por Virgilio [1930]. In: *Experiencia literaria y otros ensayos*. (Seleção e prólogo de Jordi Garcia). Guadalajara, México: Fundação Banco Santander, 2009, p. 109-127.

GARCIADIEGO. Javier. Alfonso Reyes: cosmopolitismo diplomático, universalismo literario. In: *Escritores en la diplomacia mexicana*. México: Secretaría de Relaciones exteriores, 1998, vol. 1, p. 191-222.

_____. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 32-44.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

GRANADOS, Aimer. *Monterrey. Correo literario de Alfonso Reyes*. Campo literario y red intelectual en América Latina. In: GRANADOS, Aimer (coord.). *Las revistas en la historia intelectual de América Latina: redes, política, sociedad y cultura*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Cuajimalpa; Juan Pablos Editor, 2012, p. 85-100.

KOURÍ, Emilio. Manuel Gamio y el indigenismo de la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 419-32.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.263

MELGAR BAO, Ricardo. *Redes e imaginario del exilio en México y América Latina: 1934-1940*. Libros en red, 2003 [edição eletrônica].

MYERS, Jorge. El intelectual-diplomático: Alfonso Reyes, sustantivo. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Hisoria de los intelectuales na América Latina II*. *Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX.* Buenos Aires: Katz, 2010, p. 82-97.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual.* São Paulo: Cia das Letras, 2005.

YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes. Propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.